



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL**

*Apud*  
*Whig*  
14.11.13

**ACTA Nº 4/2013**

**Sessão realizada em 17 de setembro de 2013**

ACTA N.º 4/2013

Aos dezassete dias do mês de setembro de dois mil e treze, pelas dezassete horas, no Salão Nobre dos Paços do Concelho do Fundão, realizou-se a sessão ordinária da Assembleia Municipal, sob a presidência do Senhor Vítor Ângelo Mendes da Costa Martins e secretariada pelo Senhor Luís Gavinhos e pela Senhora D. Maria do Carmo Nogueira.

Feita a chamada, verificou-se a falta dos membros: Carlos São Martinho Gomes e José Anacleto que justificaram atempadamente as suas faltas e foram substituídos pelo Senhor João Couto Gonçalves e Senhora Carla Duarte. Faltaram ainda os membros Luís Gavinhos, João Taborda, Maria Alice Cardoso, Joana Morgadinho, João Correia, José Cruz João Boléu, Luís Martins, Júlio Correia, Fátima Justino, Eduardo Martins, Marco Marques, Antónia Margarida Oliveira e Jorge Santos.

Relativamente ao Executivo Municipal faltou o Senhor Vereador Augusto Leal Salvado. Constatada a existência de quórum para funcionamento da Assembleia Municipal, o Senhor Presidente da Assembleia declarou aberta a sessão, com a seguinte agenda:

**Ordem de Trabalhos**

1º - Período de Antes da Ordem do Dia

2º - Período da Ordem do Dia

2.1 - Apreciar uma Informação Escrita do Senhor Presidente da Câmara acerca da atividade municipal e da situação financeira do Município;

O Sr. Presidente da Mesa deu início à sessão cumprimentando todos os presentes e propôs que se cumprisse 1 minuto de silêncio pelo falecimento recente do Comandante Antunes dos Bombeiros Voluntários do Fundão, o que foi efetuado de imediato. Continuando, o Senhor Presidente da Mesa agradeceu a todos os membros da assembleia a colaboração prestada ao longo do mandato que agora termina. Disse também que nem tudo correu conforme se pretendia, existiram por vezes alguns momentos de tensão, mas que isso faz parte da vida democrática desde que exista sempre como limite o respeito mútuo e as boas regras de educação. Mau grado as falhas que sempre existem foi para a Mesa muito gratificante aqui estar e ajudar a assembleia municipal a cumprir a sua tarefa. Deixou também uma palavra pessoal de apreço e de reconhecimento muito profundo aos membros Luís Gavinhos e Maria do Carmo Nogueira, dizendo que sem a sua colaboração e dedicação lhe teria sido absolutamente impossível assegurar a condução dos trabalhos da assembleia municipal. Sugeriu também que no dia de hoje e face à época em que estamos, que a campanha eleitoral ficasse à porta desta sessão. Finalmente colocou a votação a ata nº 3/13 que não foi alvo de qualquer reparo e foi aprovada por unanimidade.

15/07

## PERÍODO ANTES DA ORDEM DO DIA

**Aires Patrício** – Baseou a sua intervenção num documento que se junta à presente ata constituindo o Anexo 1.

**Eduardo Saraiva** – Cumprimentou os presentes e disse que, face á nova legislação, alguns dos autarcas de freguesia iriam deixar as suas funções, o que lamenta. Em nome da bancada do PSD, testemunhou o trabalho excelente realizado em prol das nossas populações, alguns durante mais de 20 ou 30 anos e que serão sempre lembrados.

**Luís Lourenço** – Associou-se ao voto de pesar pelo falecimento do Sr. Comandante dos Bombeiros. Disse também que, apesar de algumas vicissitudes, foi para si um prazer ter feito parte desta Assembleia Municipal. Baseou a sua intervenção num documento que se junta à presente ata constituindo o Anexo 2.

**Luís Castanheira** – Começou por dizer que a intervenção que ia fazer não tinha nada a ver com a campanha eleitoral porque não era candidato a nada. Também que não se despedia de ninguém porque certamente se iriam continuar a encontrar por aí e que foi um prazer ter estado nesta Assembleia Municipal. De seguida baseou a sua intervenção num documento que se junta à presente ata constituindo o Anexo 3.

**Nuno Miguel Henriques** – Congratulou-se com a forma com que ao longo de 12 anos, em que aqui esteve, foram conduzidos os trabalhos desta Assembleia pelo Dr. Vítor Martins. Salientou o gosto em ter trabalhado com todos os membros desta Assembleia. Disse ainda que as coisas mudam, os tempos mudam, o Fundão também mudou muito, embora se pudesse ter ido um pouco mais além, mas valeu a pena e foi muito positiva esta mudança. É cada vez mais difícil trazer mais pessoas para o palco político porque muitas vezes surgem calúnias, rumores, criam-se muitos inimigos, mas não vale a pena entrar neste caminho porque a vida é curta e a política faz-se em todos os locais, mas devia fazer-se menos politiquice. Endereçou um bem-haja a todos e um até sempre.

**Rogério Hilário** – Depois de cumprimentar todos, disse que, estando numa época especial, iria aceitar a sugestão do Senhor Presidente da Mesa e falar daquilo que foi o trabalho desta Câmara e Assembleia Municipais. No entanto, quem ouviu a intervenção do membro Luís Castanheira deve ter pensado que estava noutra concelho. Lembrou àquele membro que a questão das portagens não é um legado do PSD mas sim do PS e não se lembra de ter ouvido o Sr. Luís Castanheira falar sobre o assunto, quando foram colocados os pórticos na A23. Admite que as prioridades daquele membro sejam diferentes do PSD e da Câmara Municipal, mas tem de ser dito que a questão fundamental é que o Sr. Luís Castanheira é contra as obras que foram feitas. Contudo, o concelho do Fundão mudou, basta fazer-se a história do que era e do que é neste momento, não sendo possível fazer tudo, se fez o muito que está à vista de todos. Fala-se muito na dívida mas devia-se também dizer que a mesma é o resultado da multiplicação por quatro no investimento e não se enalteceu a capacidade que se teve de captar investimento para fazer as obras e que as mesmas estão ao serviço dos cidadãos. A lógica é ter ou não ter, talvez alguns optassem por não ter, a dívida resulta da opção por termos aquilo que todos merecemos. Finalizando, agradeceu a todos os presidentes

de Junta que por força da Lei iriam deixar de exercer os seus cargos e fez votos de que, noutras circunstâncias, continuem a trabalhar em prol deste concelho.

**O Senhor Presidente da Mesa** propôs neste momento que se exarasse em ata um voto de pesar pelo falecimento do antigo autarca Sr. José Pais Martins, o que foi aceite por todos os membros presentes.

## **PERÍODO DA ORDEM DO DIA**

### **2.1 - Apreciar uma Informação Escrita do Senhor Presidente da Câmara acerca da atividade municipal e da situação financeira do Município**

**Nuno Baltazar Mendes** – Manifestou o seu orgulho em pertencer a esta Assembleia. Foram anos com muitas dificuldades, mas todos tentaram trabalhar em prol do nosso concelho e dentro das suas perspetivas. Tentou-se elevar sempre o debate político na cidade do Fundão e de alguma forma isso foi conseguido. A visão do PS foi diferente mas tentou sempre defender o interesse público. As diferenças de visão ficam sempre marcadas pelo limite da boa-fé e da salvaguarda do interesse público. Existiu sempre o respeito de nos sabermos ouvir uns aos outros e numa assembleia como esta nós sermos capazes de nos ouvir, é o maior exemplo que se pode dar a quem nos escuta lá fora. De todos os cargos que já desempenhou, aquele em que teve maior orgulho, lhe deu mais satisfação e mais honrou, foi o de ser membro da Assembleia Municipal do Fundão. Foi pena não se concretizar no Fundão o orçamento participativo, já que o mesmo é muito salutar e uma prova de descentralização do poder e de aproximação do poder em relação aos cidadãos. Numa próxima oportunidade a Assembleia faria muito bem em desenvolver este mecanismo de gestão. Também se bateu sempre pela reestruturação do tecido empresarial do município, o que não se conseguiu de forma voluntária, acabando por acontecer por determinação da Lei. Foi pena, já que essa teria sido uma forma de se valorizarem os recursos que temos ao nosso dispor e termos também um outro rendimento. Outra preocupação do PS foi a de, através da sua oposição, conseguir evidenciar e procurar a sustentação de determinados investimentos, pelo que quer acreditar que o tempo não lhe vá dar razão, para bem do Fundão. Nestes tempos da maior crise social e económica de que há memória, nós não nos podemos desligar da necessidade de encontrar resposta ao nível das políticas necessárias para sair da crise. O governo de Portugal está a pôr em causa a coesão nacional e social, só é possível combater a crise com desenvolvimento, criação de emprego, bem-estar e qualidade de vida, direitos sociais, segurança das pessoas, promoção da cultura, defesa do património ambiental. O pior que pode acontecer em qualquer decisão política é que os mais fracos e os mais desprotegidos sofram desproporcionalmente. O que está em causa neste momento é o insurgimento, porque está a pôr-se em causa a coesão que sempre existiu. Terminou afirmando que as palavras de indignação acabadas de proferir foram escritas no último sábado pela Dra. Manuela Ferreira Leite, Ex. Presidente do PSD. Todos temos obrigatoriamente de tomar posição, incluindo o Senhor Presidente da Câmara, porque se não tomar posição, se entende que apoia medidas como as que estão a ser tomadas pelo atual governo. Este será pois o insurgimento decisivo e certamente que o Senhor Presidente da Câmara e os seus vereadores saberão aceitar este desafio.

**Jean Barroca** – Uma das coisas importantes em política é a participação e o diálogo não só entre os eleitos, mas também e sobretudo entre eleitores e eleitos, procurando uma corresponsabilização dos políticos com os cidadãos. Parece-lhe assim que é fundamental fazer-se um exercício de reflexão sobre o funcionamento da Assembleia Municipal. Assim, na sua opinião, a AMF não pode continuar a ser uma assembleia que não ouve os cidadãos e os ignora, não pode continuar a falar para si própria, não pode ser uma assembleia que muitas vezes se reduz á lufa-lufa partidária, ao problema clubístico que nos divide em partidos, já que nós somos pessoas muito mais ricas, mais completas e complexas do que os partidos em que decidimos participar. Sabendo nós que da oposição se faz a democracia, não podemos deixar que seja por irracionalidade que nós todos destruímos a democracia. E fala em “nós” porque se trata de um exercício de avaliação coletiva, que incluiu todos e a todos deve tocar. Parece-lhe que muitas vezes a irracionalidade de quem critica bloqueia a avaliação de quem trabalha e também lhe parece que muitas vezes a irracionalidade de quem defende bloqueia muitas vezes a crítica saudável e necessária em democracia. Isto só acontece porque não criamos o ambiente certo para que haja um confronto de ideias franco e aberto, que verdadeiramente responda às necessidades das pessoas. Discute-se aqui muitas vezes o estado do País e da Europa e poucas vezes se discute o Fundão e quase sempre se esquecem as pessoas. Cada assembleia custa ao município cerca de 3.000 €, o preço de 60 e tal pessoas que, em vez de estarem a produzir algo, estão ali para se ouvirem umas às outras e supostamente para discutirem os destinos do concelho do Fundão. Se assim não for, a democracia não só não se justifica como se desperdiça em tempo e em dinheiro. As pessoas não estão dispostas a admitir que os eleitos gastem o seu dinheiro para apenas se distraírem e discutir entre si próprios. A sua postura nesta intervenção foi a de fazer um exercício de avaliação do funcionamento da Assembleia Municipal que acha fundamental, porque quem não se avalia não melhora, quem não melhora continua com os problemas que já tem e não resolve os problemas do Fundão e este é o grande problema desta Assembleia. Acredita no entanto que a renovação que esta Assembleia levará no futuro possa ser melhor e consiga evitar os problemas que tivemos até hoje.

**Abel Rodrigues** – Começou por dizer que para si foi muito gratificante do ponto de vista pessoal ter pertencido à Assembleia Municipal durante 18 anos. Considerou o discurso do membro Jean Barroca de contra os valores, os princípios e a liberdade. Perguntou se quando falamos do País, o Fundão não pertence ao País, quando falamos de reformados, não se incluem os reformados do Fundão? Disse também que aquele membro já nos habituou a este tipo de discursos porque na sessão de comemoração do 25 de Abril fez exatamente o mesmo tipo de intervenção. Relembrou também que quando o PS estava no governo o PSD tinha na Assembleia um discurso ainda pior, a começar pelo Dr. Manuel Frexes, que batia constantemente no Governo, durante as sessões da AM. Disse também que o membro Jean Barroca pode ter 2 filhos mas que do ponto de vista pessoal é “um garoto”.

Neste momento o **Senhor Presidente da Mesa** interrompeu o discurso e solicitou que fossem retiradas das intervenções palavras que fossem ofensivas e impróprias de serem usadas numa Assembleia Municipal. É imperativo que, sendo esta a última assembleia deste mandato, todos os presentes se respeitem nas suas intervenções.

Retomando o ponto de discussão sobre a informação escrita, **Abel Rodrigues**, disse que tendo recebido a mesma no domingo era curioso que, sem a festa dos Chocalhos ainda ter terminado, já incluía um parágrafo com elogios à sua realização. Disse também que

o documento estava escrito com demasiados estrangeirismos e se um aluno seu assim escrevesse não lhes iria aceitar o trabalho, já que existem as mesmas palavras em Português que devem ser utilizadas. Por último disse ter sido um prazer ter estado nesta casa, fez votos para que todos os que saíssem fossem felizes e para que os que continuam que tenham um mandato profícuo, já que todos ganhariam com isso.

**Rogério Hilário** – Disse que se assistiu nesta Assembleia a um lamentável episódio que nunca deveria ter existido. Na forma como se exprimiu, o membro da Assembleia Abel Rodrigues perdeu toda a razão que pudesse ter e ficava a dever um pedido de desculpas público, já que Jean Barroca apenas exprimiu uma opinião pessoal. Por outro lado todos podemos esgrimir pontos de vista, falar de prioridades, ter opiniões, mas existe uma que gostaria de ter neste momento que era a seguinte: “O governo é uma instituição, o Estado é a instituição suprema e nunca ouviu ninguém aqui a discutir o Estado. Questiona sobre se se quer um Estado que alimente a despesa, e, se for esse o caso, obrigatoriamente pagar mais impostos, já que tudo o que o Estado gasta se resume às taxas e impostos que todos pagamos, pelo que quanto mais o Estado gasta, mais nós temos de pagar”. Qualquer partido que fosse Governo no atual estado do País, teria de fazer as mesmas coisas e se queremos mais escola pública haverá mais desemprego na escola privada, se queremos mais e melhor saúde teremos de pagar por ela. O Estado que quisermos será aquele que teremos de pagar. Decerto por lapso, a Câmara não mencionou na informação escrita um evento que se realizou este Verão, a que a Câmara também se associou, o “Sangria Agosto” e que foi um êxito a todos os níveis.

**O Senhor Presidente da Mesa** lembrou que estávamos a discutir a informação escrita, pelo que pedia que se pronunciassem apenas sobre o documento em apreciação.

**Eduardo Saraiva** – Expressou ao Senhor Presidente da Câmara que lhe antevia alguma dificuldade em responder aos membros da AM na próxima intervenção, porque quase ninguém falou da informação escrita. Disse ainda que o “Partido do Fundão” nos devia unir e que voltará a esse tema na próxima legislatura. Lembrou que a informação escrita fala de coisas muito importantes como o clube de produtores, a cereja, a atividade empresarial, os contatos com a UBI, a transumância, as tradições, a cultura mas ninguém abordou esses temas, o que lamenta. Devemos olhar para o futuro e não para o passado, já que o mundo mudou e todos temos de mudar também.

**Catarina Gavinhos** - Afirmou que o povo diz que devia haver eleições todos os anos já que o ritmo das iniciativas e das obras aumenta neste período, na sua opinião de forma exagerada. Sentiu-se ofendida com as palavras do membro Jean Barroca porque quando aqui fala apenas se expressa como cidadã, luta por aquilo em que acredita em prol da população do concelho do Fundão e não vem com a ideia de que não está a produzir e não acha que o que se fez fosse simplesmente gastar 3 ou 4 mil euros para falar de coisas que não interessam. Uma Assembleia Municipal é o espaço privilegiado para todos participarem e dizerem o que lhes vai na alma sobre o futuro, o presente e o passado do nosso concelho. Considerou também pertinente e legítimo que o membro Nuno Baltazar Mendes tenha perguntado ao Senhor Presidente da Câmara se concorda ou não com a política do seu partido no Governo, ao cortar pensões, por exemplo. Espera estar na próxima legislatura a exercer a sua cidadania e a defender a população do Fundão com as suas ideias.

O Senhor Presidente da Mesa disse que as convicções de cada um é que fazem a força desta Assembleia e que a Mesa não deve pregar moral, existe liberdade de expressão com o limite no insulto, que nunca pode ser ultrapassado.

Abel Rodrigues – Voltou a intervir para pedir desculpa ao membro Jean Barroca porque se excedeu, mas reiterou que se sentiu ofendido com as palavras proferidas por aquele membro, já que ainda viveu no período da ditadura e sabe bem o que representou aquele tempo e o que o País evoluiu ao longo do tempo. Também pediu desculpa ao Senhor Presidente da Mesa porque disse o que não devia.

Jean Barroca – Disse que não havia necessidade de pedir desculpa e que através do exercício de avaliação que quis fazer apenas tentou colocar nas nossas mãos a validade da própria Assembleia Municipal e a sua utilidade. É do nosso trabalho que se constitui a sua importância, pelo que concorda inteiramente que a democracia será algo que nunca quererá esbanjar e está nas mãos do nosso diálogo e na capacidade de nos ouvirmos a todos viver intensamente a democracia. Inclusive criticou violentamente a sua própria bancada e a si próprio por alguns comportamentos.

Presidente da Mesa – Considerou encerrado o incidente, já que os intervenientes principais tiveram a hombridade de corrigir excessos, más interpretações ou equívocos. Existe a necessidade de autovigilância sobre os nossos comportamentos para garantir que o exercício da democracia seja eficaz.

Presidente da Câmara – Começou por agradecer toda a colaboração institucional que existiu entre o órgão executivo e o deliberativo. Considerou o mandato muito profícuo com inúmeras matérias, algumas delas de enorme complexidade e importância. Sobre o clima desta AM, considerou-o muito diferente daquele que se vive normalmente talvez por estar enquadrado nesta quadra de campanha eleitoral. Disse também que não ia responder a nenhuma questão face ao clima em que decorreu esta Assembleia e pelo facto de estarmos em campanha eleitoral. Citando Humberto Eco "*...sobre o sol andar á volta da terra Ptolomeu não mentia, enganava-se*", pelo que está crente que de vez em quando nos podemos enganar, mas por muito poucas vezes sentiu que no exercício livre e democrático da palavra alguém mentisse nesta AM.

Presidente da Mesa – Saudou novamente todos os membros e sublinhou o seu especial afeto, consideração, apreço e reconhecimento para todos aqueles que não seriam candidatos no próximo mandato. Enalteceu também o bom relacionamento que se estabeleceu entre esta Assembleia e o Executivo. Da sua parte e de toda a Mesa desejou sucesso pessoal e endereçou o seu bem-haja a todos pela colaboração prestada.

## INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

José Vaz Carlos – Disse que está há 3 anos à espera da resolução dos problemas causados pelo ruído provenientes do snack-bar existente no r/c do prédio onde reside na Praça dos Caminheiros, nesta cidade. Não pede o seu encerramento mas que se encontre uma solução definitiva, para que quem ali vive possa ter uma vida normal e sossegada, principalmente tenha direito ao descanso.

**O Senhor Presidente da Mesa** disse que certamente a Câmara iria tomar boa nota da intervenção e dar uma resposta eficaz.

Não havendo mais nada a tratar, o Senhor Presidente da Mesa deu por encerrados os trabalhos da Assembleia Municipal pelas 20.00 horas. Da sessão se exarou a presente ata que vai ser assinada por todos os Membros da Mesa da Assembleia.

Presidente da Assembleia Municipal \_\_\_\_\_

1º Secretário \_\_\_\_\_

2º Secretário Maria do Carmo Roxo Roqueiro

C  
D  
S

**CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL**  
**ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO FUNDÃO**

**17 De SETEMBRO DE 2013**

*Deputado Municipal: Aires Patrício*

**Caros companheiros.**

**Ao longo de quatro anos partilhei convosco este espaço nobre.**

**Quero iniciar esta breve intervenção a todos dirigindo um cumprimento de amizade, de estima, no respeito pelas diferenças que, assim o desejo, nos unam num objectivo comum: **servir.****

**O ideal democrata/cristão é a razão de ser do CDS.**

**É conforme esses princípios que tenho regido os meus dias, é conforme esses princípios que durante estes quatro anos me sentei entre vós.**

**A todos considereei companheiros de um percurso cuja causa comum falou, sempre, mais forte**

que a divergência de opinião, de conceito ou de estratégia, em benefício do que me parecia ser correcto, bem-intencionado, despido de egoísmos ou de critérios hegemónicos tão pouco saudáveis em democracia, senão mesmo atentatórios do ideal de liberdade que contempla o bem de toda a comunidade.

Julgo ter ficado claro este meu propósito.

No próximo dia 29 deste Setembro os cidadãos do Concelho dirão que Deputados Municipais escolhem para os representar.

Uma escolha é, antes do mais, algo que resulta da apreciação que cada um faz do que lhe é dado a observar.

E aqui, chegamos nós a uma encruzilhada onde a capacidade de opção pelo caminho a seguir, nem sempre, ao longo do tempo, foi enriquecida por uma informação clara, descomprometida, fruto de uma análise histórica ponderada, capaz de ler a dinâmica dos tempos, desistindo de construir o futuro com base nos ensinamentos que nos trouxeram a este presente que massivamente consideramos errado.

**Tem o seu início, hoje, mais uma campanha eleitoral.**

**Campanha que, para uns, terá começado agora, para outros, há bem mais tempo.**

**Foi critério do meu Partido, o CDS, critério que subscrevo, fazer uma campanha com um mínimo de meios, que mais não fosse, pelo respeito que nos merecem os brutais sacrifícios a que os portugueses estão obrigados no seu dia-a-dia, no respeito pela contenção que asfixia as famílias, no respeito pela exiguidade de meios com que o País se debate.**

**Em matéria de campanha eleitoral vamos lutar com armas desiguais.**

No Porto e em Viseu, o PPD/PSD promete ajuda às rendas das habitações ditas sociais.

Em Lisboa, a Câmara PS comemorou os 25 anos do incêndio do Chiado.

Por cá, temos acompanhado com interesse a azáfama do executivo nos retoques em alcatrão e afins, bem como na sua presença em inaugurações, o que, aliás, vem na linha da informação prestada a

esta Assembleia na sessão de Julho passado, como, então, tive a oportunidade de sublinhar.

Porém, a modéstia dos nossos meios mais nos estimulará no desejo de dar a conhecer a nossa mensagem, o nosso pensamento, o que propomos para o nosso Concelho, bem como dar a conhecer a leitura que fazemos da prestação da maioria absoluta PPD/PSD que durante estes doze anos administrou o Concelho do Fundão e qual a projecção desta administração nas décadas seguintes.

E porque um Município deve estar atento ao que é a acção do poder central, passarei a referir algumas das preocupações que assaltam o espírito da generalidade dos munícipes. Preocupações que devem combater através da sua presença nas Assembleias de Voto, recusando a abstenção e fazendo uma leitura da real situação do Concelho por forma a que o seu Voto torne possível uma governação que vá ao encontro dos seus anseios. Que vá ao encontro das suas reais necessidades. Uma governação que se mantenha visível e

acessível a cada cidadão para além dos dias em que, mais ou menos veladamente, dura a pré e a campanha eleitoral.

E, como dizia, eis algumas das preocupações que habitam os programas de televisão, de rádio e de outros espaços em que é dada voz à opinião pública:

- Será que o Governo se prepara para, depois das eleições, anunciar, em definitivo, mais cortes no já cadavérico rendimento das famílias?
- Quando parará o anúncio de medidas gravosas?
- A preocupação revelada pela falta de informação clara quanto à criação de entidades intermunicipais.

Outras preocupações:

- A condução política da governação, tanto nacional como local, criou um novelo tal de complexidades que urge compreender, antever como vai ser desfeito.
- Igualmente urge reconhecer que os direitos adquiridos não são um privilégio, mas, isso

sim, o resultado de um contrato entre as partes.

- É imperioso reconhecer que a putativa e ténue recuperação que o Governo teima em referir é fruto da perda da qualidade de vida do povo português, da malfadada e inconsequente austeridade.
- 
- Porque teremos que permanecer na moeda única, no Euro, uma vez que, dispondo de moeda própria, seria menos penoso combater a crise que está a sufocar Portugal? Concerteza todos nos recordamos que tivemos cá o FMI em 1978 e 1983, e que o nível de penalização da sociedade portuguesa não ocorreu como hoje.

A perplexidade instalada no sentir do povo perante uma governação cuja imaginação, criatividade e competência pouco vai além de assentar os seus critérios numa fiscalidade medieva, no dizer uma coisa e o seu contrário, da obsessão nos cortes de pensões e reformas de milhões de remediados que transformou

em pobres, numa palavra, como vai Portugal resistir ao desvario de medidas que invadem tão negativamente os seus nove séculos de história?

Uma palavra, ainda, não em nome de uma juventude serôdia, mas pelo respeito que merecem os mais velhos, a quem devemos estar aqui.

A vida não tem idade.

Já foram criados demasiados obstáculos aos mais velhos.

Não há necessidade de procedimentos que os leve a sentirem-se como um fardo, como algo descartável.

Propositadamente confundi a governação do país com a governação municipal, porque uma é consequência da outra e o contrário também.

Lê-se na parede do museu de imprensa no edifício ali em frente: “verba volant, scripta manent” – as palavras voam, os escritos ficam.

Tal como as promessas.

As que se cumprem ficam.

**As outras...perdem-se no vendaval que vagueia  
entre a semântica e a sigla, promiscuindo-se em  
estrangeirismos que pela sonoridade iludem a  
ausência de substância.**

**Companheiros**

**Gostei de estar aqui**

**Até sempre**

Ex.mo Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Municipal

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara

Ex.mos Srs. Membros da Assembleia Municipal

Ex.mos Srs. Vereadores

Representantes da Comunicação Social

Minhas Senhoras e meus Senhores



Estamos em tempos de campanha eleitoral, a campanha é feita lá fora, aqui tenho dúvidas que consiga convencer quem quer que seja, não porque me falem razões, mas porque já todos terão outros “convencimentos”. Por isso não vos vou tomar muito tempo. Ainda assim gostaria de abordar dois assuntos. O primeiro é apenas uma palavra de homenagem.



Estou a falar de José Pais Martins que faleceu há pouco dias. Aquilo que aqui quero deixar não é um voto de pesar mas sim uma simples palavra de homenagem. O Zé Pais, como era conhecido, nasceu há noventa anos na Barroca. Foram noventa anos cheios de uma cidadania ativa. Primeiro ainda na Barroca, com uma intensa atividade associativa que ainda hoje ali é recordada. E depois no Fundão. Como alguém dizia, Zé Pais era um homem de paixões e tinha três grandes paixões: a família e amigos, o futebol (mais exatamente o Benfica) e a intervenção política. As paixões vivem-se intensamente, por isso não espantava a ninguém que, já mesmo quando a saúde não ajudava, o vemos descer até ao Pires para assistir aos jogos do seu club. Mas aqui, nesta Assembleia Municipal, quero destacar a sua intervenção cívica e política. Foi um antifascista convicto e interveniente. Por isso sofreu os “incómodos” (para não usar outra palavra) do regime. Com a democracia, e até ao fim da sua vida, como homem convictamente de esquerda, embora sem filiação partidária, nunca deixou de estar atento à realidade que o rodeava. Por isso, de forma mas ou menos intensa, nunca deixou de intervir. Zé Pais foi eleito na Assembleia Municipal e cumpriu um mandato como vereador na Câmara Municipal do Fundão. É por isso de toda a justiça que aqui seja lembrado e homenageado.

Agora um outro assunto. Não quero entrar em polémica, mas dois dos últimos acontecimentos públicos no Fundão, e apesar de estarmos em fim de mandato, levam-me a trazer este assunto aqui à Assembleia.

Do que é que estou a falar? Não fui assistir às últimas inaugurações. Creio que entendem porquê!

A propósito apenas uma nota que não é de lamento, mas apenas de decepção a vem a propósito destas inaugurações. Meu amigo Paulo Fernandes, estava, pelo que conheço de si, convencido que consigo se iniciaria uma nova forma de fazer política no Fundão. É com tristeza que constato que assim não é. Mas deixe-me que lhe diga, obras à pressa e inaugurações em cima das eleições são práticas que cada vez mais os eleitores conscientes rejeitam. E eu estou convencido que é desses que espera o apoio, ou não será?

Bom, mas após a inauguração tive a curiosidade de conhecer o Parque do Convento, até porque nos dias anteriores havia assistido, cada vez que ali passava, a forte atividade construtiva. Cheguei e encontrei uma porta fechada a cadeado. Acredito que se possa entrar por outro lado, mas fiquei intrigado. (Primeiro acontecimento)

Segundo acontecimento - debate entre candidatos promovido pelo jornal do Fundão - no Casino com as peças do (assim chamado) museu da imprensa tapadas por placards. Museu da imprensa fechado. E este trouxe-me à lembrança o museu da moagem também fechado.

Espero que estes espaços, todos eles inaugurados com pompa e circunstância, não fiquem fechados, mas sim corretamente organizados e geridos para que possam ficar ao dispor dos fundanenses para seu usufruto. Se assim não for é dinheiro público deitado fora. E nos tempos que correm tal é imperdoável, eu diria que, face aos sacrifícios que passamos, é mesmo “criminoso” (entre aspas).

Aqui fica apenas a minha chamada de atenção à presidência e vereação que aí vêm.



Fundão, 17 de Setembro de 2013

Luis Lourenço

Exmos Senhores

Permita-me Senhor Presidente da Câmara, já que é a si que dirijo esta minha intervenção.

E começo por lhe referir o meu protesto mas também a minha indignação pelo que tem sido o despesismo e o desbaratar de dinheiros públicos em festas e obras de fachada, visando objectivamente a sua campanha eleitoral.

O Senhor excedeu-se, e na ânsia de ganhar as eleições que se avizinham, ultrapassou aquilo que seria razoável nesta campanha eleitoral mesmo pesando o facto do Senhor ser Poder.

Para beneficio da sua propaganda, interrompeu há cerca de três meses, aquilo a que vulgarmente vinha designando por enorme crise financeira, e desatou a fazer “coisas” por aí.

No entanto, essas “coisas” não evitam de forma alguma que continuemos na cauda do desenvolvimento e da qualidade de vida oferecidas pelas principais Cidades da nossa região.

- Somos no entanto, de todos, mas também de longe, o Município mais endividado.

Caro Presidente, saberá o Senhor melhor que ninguém que a Câmara Municipal por si gerida, está praticamente falida devido à aplicação de políticas sem sustentabilidade ou viabilidade económica, de retorno duvidoso, despesistas e eleitoralistas.

Pese embora aquela situação de falência, a sua determinação de vir a ser eleito, leva-o a aumentar ainda mais a astronómica dívida já existente e desta forma, a condicionar e hipotecar drasticamente a vida autárquica nos próximos anos, insistindo naquela fatídica política eleitoralista que todos continuaremos a pagar .

As suas opções na condução dos destinos do nosso Município transmite a ideia de que vive num Município paradisíaco, onde paira a fantasia, com uma vida intensa de festas e de correrias constantes de inauguração em inauguração estrategicamente programadas para vésperas de eleições

Mas não é assim. No Concelho do Fundão real, impera como em todo o País e por força da política nacional imposta pelo Governo do PSD, o desemprego, muita pobreza, alguma miséria e por isso mesmo, a requerer uma rigorosa política de responsabilidade acrescida na Administração e condução dos bens públicos.

- Neste Fundão real, vivem pessoas que necessitam do apoio e do auxílio do Município não quando já estão passando fome, mas sobretudo para evitar que a sintam, - não quando estão descalças, mas antes que o dedo do pé se veja por entre o que sobra das botas, - não quando já morreram, mas antes, conseguindo ir às consultas médicas, não interromper os tratamentos ou mantendo a aquisição dos medicamentos.

- Neste Fundão, as pessoas necessitam da atenção e da sensibilidade dos políticos instalados na Câmara para que estes reduzam os valores dos Impostos Municipais sobre as suas casas como de resto fizeram a esmagadora maioria de Presidentes de Câmara aqui à volta e muitos outros pelo País inteiro.

- Aqui neste Fundão num Interior cada vez mais esquecido pelos actuais políticos Nacionais, as pessoas que pagam as suas festas, Senhor Presidente, agradeciam antes que mandasse baixar o valor do recibo mensal da água.

- É daqui, de onde continuam saindo diariamente para outros pontos do País e do Mundo, muitos e muitos jovens que representam a esperança e a vida deste Concelho. E fazem-no por falta de oportunidades, mas também de arte e engenho que a sua administração não sabe procurar, desempenhar nem concretizar pesem embora as repetidas “âncoras”, os “chapéus”, as “alavancas”, e o “alavancar”, os “recursos endógenos”, a “instrumentalização de meios”, o “investimento de proximidade”, a “reprodução de vontades”, a “estratégia de carneira”, o “chapéu do co-financiamento”, a “prospecção de opções”, o “fomento estratégico e inovador”, as “assimetrias e idiosincrasias”, etc, etc.

Na verdade das obras são uma das razões de ser do Poder Local Democrático, no entanto e neste caso concreto, a minha divergência vai para aquilo que são as prioridades por si estabelecidas e aquilo que são verdadeiras necessidades de quem vive e trabalha no Concelho do Fundão.

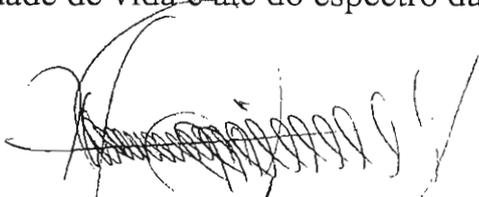
Quem não gosta de ver a nossa Cidade bonita e agradável?

- Mas será prioritário em situação de grave crise financeira das famílias, do País em geral e de falência da nossa Câmara, inaugurar tantos parques na Cidade?

- Muito satisfeitos ficaríamos certamente na inauguração da primeira viagem ao longo da A23 sem portagens cobradas a quem cá reside e trabalha,

- Quem não participaria na inauguração do regressado comboio Inter-Cidades com horários, conforto e preços concorrenciais aos transportes privados alternativos,

- O regozijo que não seria, inaugurar espaços centrais, reservados ao estacionamento automóvel sem parquímetros
- A alegria que daríamos aos feirantes e consumidores, ao proporcionar-lhes a inauguração das obras de requalificação e modernização do antigo edifício da Praça Municipal e o seu conseqüente regresso àquele mesmo espaço,
- A mais-valia que representaria para todos nós, a inauguração dos Serviços de Medicina Nuclear no nosso Hospital, por demais anunciados por V. Ex<sup>a</sup>,
- Conseguirá imaginar o regozijo dos fundanenses quando conseguissem festejar a descida do Município do Fundão do ranking dos mais endividados a nível do País?
- A riqueza que não representaria, a inauguração de uma verdadeira, eficaz e estratégica rede viária rural pelas encostas da Gardunha e dessa forma constatar no local a execução de um só dos já inúmeros projectos, estudos, cálculos ou programas desenhados e prometidos para aquele local
- Por fim, não por falta de exemplos mas porque o tempo escasseia, porque não haveríamos de inaugurar também a rede de saneamento básico ainda vergonhosa e inadmissivelmente teimam na sua inexistência em zonas urbanas aqui bem perto da Sede do Município?
  
- É afinal esta a enorme diferença que me separa o seu Concelho fantasioso, festivo, endividado, falido, insensível, estrategicamente errado, sem soluções estruturais, sem futuro e apenas comparado em termos proporcionais com o País irreal planeado e governado pelo seu Partido – o PSD, a nível Nacional.
  
- O Concelho do Fundão, real, verdadeiro em que eu e milhares de fundanenses assentam os pés no seu dia-a-dia de labuta e sobrevivência, é afinal, este espaço territorial, onde a solidariedade, o rigor, a verdade e a competência de quem governa ou administra, são essenciais para inúmeras pessoas desgastadas e desiludidas com a vida e com as promessas. Para quem a opção ou a prioridade das obras de fachada executadas nada representam em termos comparativos com a sua legítima esperança na obtenção de um emprego, de uma ocupação laboral ou com as necessidades básicas prementes, sentidas por a nível da saúde, da educação, do social, da qualidade de vida e até do espectro da fome.



17/09/2013